

Os caçadores da pré-história nas pinturas rupestres do parque nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil

The prehistory hunters in the rock paintings of the national park Serra da Capivara - Piauí, Brazil

Enviado em: 26/05/2020

Aceito em: 14/07/2020

Michel Justamand ¹

Gabriel Frenchiani de Oliveira ²

Vitor José Rampaneli de Almeida ³

Valdeci dos Santos Júnior ⁴

Albérico Nogueira de Queiroz ⁵

Vanessa Belarmino da Silva ⁶

Antoniél dos Santos Gomes Filho ⁷

Resumo:

Esse artigo tem como objetivo apresentar os dados obtidos num conjunto de grafismos rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sudeste do Piauí, que apresentam cenas de atividades de caça, individual e coletiva. Os procedimentos metodológicos constaram sinteticamente de pesquisa bibliográfica, levantamento fotográfico dos grafismos nos sítios arqueológicos e tratamento de imagens em laboratório. Os resultados apontaram para a predominância de cenas de caça coletiva da pequena fauna pelos grupos que ocuparam essa região no passado. Embora a maioria dos grafismos do conjunto da pesquisa seja vinculada a Tradição Nordeste (que estão situadas na área num intervalo cronológico entre 12.000BP e

¹ Professor Associado da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

² Docente da Secretaria de Educação do Estado do Piauí – SEDUC/PI. E-mail: gfrechiani@hotmail.com

³ Docente da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP. E-mail: vitalm@gmail.com

⁴ Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: valdecisantosjr@hotmail.com

⁵ Professor Associado do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: anqueiroz@hotmail.com

⁶ Arqueóloga pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: vanessabela18@hotmail.com

⁷ Professor do Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS. Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos – USC/PY. E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com

6.000BP), é possível levantar a hipótese de que possam abranger, também, tanto o período Holocênico como o período Pleistocênico (a ser confirmado ou não em pesquisa futuras), com a utilização de artefatos, e tendo o tatu como a espécie biológica mais representada nos grafismos pintados.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Serra da Capivara; Pré-história.

Abstract:

This article aims to present the data obtained in a set of cave drawings of the Serra da Capivara National Park, in Southeastern Piauí, which show scenes of hunting activities, individual and collective. The methodological procedures consisted synthetically of bibliographic research, photographic survey of the graphics in the archaeological sites and treatment of images in the laboratory. The results pointed to the predominance of scenes of collective hunting of small fauna by the groups that occupied this region in the past. Although most of the graphics in the research set are linked to the Northeast Tradition (which are located in the area within a chronological range between 12,000BP and 6,000BP), it is possible to hypothesize that they may cover both the Holocene period and the period. Pleistocene (to be confirmed or not in future research), with the use of artifacts, and having the armadillo as the biological species most represented in painted graphics.

Keywords: Rock Painting; Serra da Capivara; Prehistory.

Introdução

Os estudos iniciados a partir dos anos 70, do século passado, no município de São Raimundo Nonato (PI), onde hoje está instalado o Parque Nacional da Serra da Capivara (PNSC), permitiram identificar os primeiros vestígios humanos no continente americano com idade superior a 50.000 anos (PESSIS, 2003). Os primeiros trabalhos realizados nas áreas adjacentes ao parque tiveram como objetivo preliminar, a identificação do contexto arqueológico dos sítios com pinturas e gravuras rupestres.

Em um primeiro momento, as pesquisas nas áreas arqueológicas resultaram em um ordenamento, onde Guidon (1989) propôs uma classificação preliminar hipotética para o reconhecimento das identidades culturais e estabelecimento de cronologias relativas para os registros rupestres existentes nos sítios arqueológicos daquela área.

O sistema classificatório de referência utilizado foi a Tradição, cuja definição parte das recorrências de semelhanças tipológicas encontradas entre unidades de grafismos de uma determinada área. As tradições rupestres podem ser consideradas categorias de entrada para os estudos dos grafismos, onde podem ser observadas nas classes distintas de reconhecimento de padrões, assinalando certas semelhanças e diferenças nos grafismos (PESSIS, 1992). Os grafismos rupestres, ao que se indica, operavam principalmente como um código de linguagem e um meio de comunicação entre o passado e o presente (MAGALHÃES, 2011).

Todo indivíduo é dependente do seu meio, e revela nas expressões culturais, a experiência do seu grupo (BINFORD, 1983). Dessa forma, o ser humano se relaciona com os objetos e fenômenos que os rodeiam e utiliza-se da linguagem para compreender o mundo real ou imaginário na representação gráfica. As representações que os indivíduos produzem sobre suas realidades, se modificam ao longo do tempo, junto com as mudanças culturais assim, os registros rupestres acabam por manifestar a evolução de cada grupo que habitou ou fez uso de uma determinada região (MARTIN, 2013).

Os grafismos compõem um sistema de comunicação social da época, neles se resgata uma fração das informações culturais desses grupos. Nesse texto nos preocupamos com as representações rupestres da caça (CASTRO, 2009), que é uma entre as muitas temáticas recorrentes registradas nas rochas do parque piauiense (BELARMINO, 2019). Verificam-se representações de caça em todos os continentes, onde se podem notar vestígios indicando as preferências particulares de cada grupo e relações com animais não-humanos (SILVA, 2013). Para o entendimento do contexto ambiental e o estudo dos grafismos, desde a busca, aquisição e transformação da matéria prima até a caracterização das figuras biomorfas e composição das cenas, são importantes elementos de apreciação, buscando a compreensão dos sistemas de interação ecológica e cultural.

Na Europa, desde o período do paleolítico o homem precisou de uma organização social para caçar, especialmente para os animais de grande porte. Nas cavernas e abrigos daquele continente, esses animais foram representados de forma individual ou coletiva em cenas que remetem à caça. Fazia-se necessária a união, para proporcionar trabalhos em grupo, como caçar, coletar e pescar (JUSTAMAND, 2010). A caça desafiava a capacidade decisória do indivíduo que, em muitas situações, era obrigado a tomar decisões intuitivas e

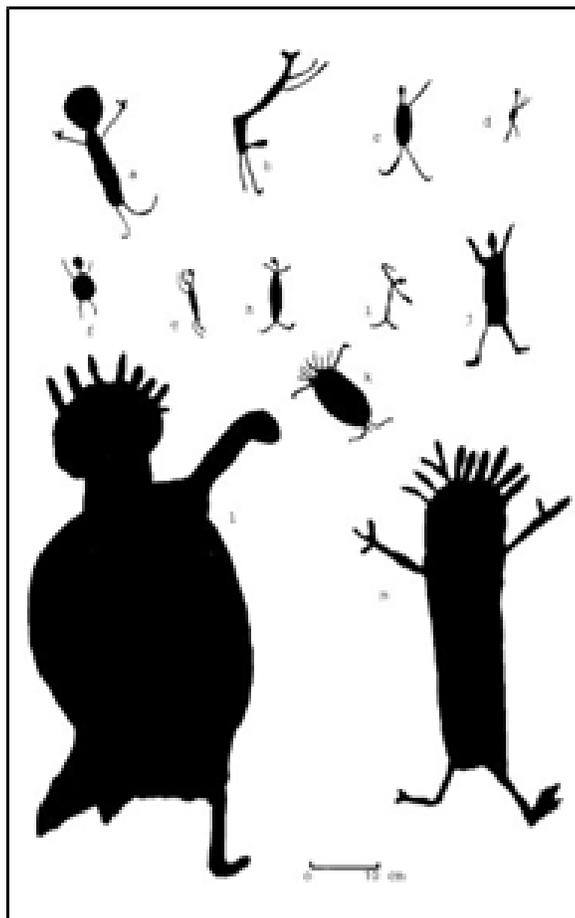
trabalhar coletivamente. Esses grupos caçadores e coletores, provavelmente, viviam baseados numa economia alimentar que misturava carne, peixe, frutas e vegetais e utilizavam de arpões e pontas de lanças (CHILDE, 1988).

Essas atividades de sobrevivência estão presentes em representações de caça nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC. A partir desta premissa, a pesquisa levantou os seguintes questionamentos: a. As representações rupestres, encontradas nas áreas arqueológicas do PNSC, possuem padrões de apresentação de cenas de caça? b. Quais elementos caracterizadores da recorrência temática?

Para responder esses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral reconhecer os elementos essenciais para caracterização da apresentação cenográfica de caça (com a presença de antropomorfos, zoomorfos e artefatos utilizados) e como objetivos específicos, reconhecer os animais representados nas cenas de caça a partir de características morfológicas, além de identificar se existem recorrências nos perfis de apresentação para as tais situações.

No reconhecimento de representações antropomorfas, as formas e as diferentes partes do corpo são tão variadas que tornam difícil a padronização como parâmetros de identificação. Essa classe de figuras representa uma grande diversidade morfológica, onde a forma do corpo pode ser redonda, oval, retangular ou filiforme, apresentando variações nos formatos das cabeças, assim como os membros são finos, longos ou curtos (figura 1).

Figura 1: Exemplos da diversidade morfológica de representações antropomórficas.



Fonte: Monzon (1984, p. 75).

Nas diversas gravuras encontradas no PNSC é possível reconhecer – a partir das variadas representações rupestres de animais e suas prováveis interpretações – espécies inexistentes hoje na região e outras totalmente extintas (ALMEIDA, 2017).

Quanto ao reconhecimento das representações zoomórficas, foi possível segregar alguns traços morfológicos que auxiliaram na identificação de suas espécies e na classificação em quatro grupos: cervídeos, tatus, felinos e emas.

Os cervídeos apresentam os seguintes traços morfológicos identificadores: cabeça com apêndices frontais; chifres ou orelhas são geralmente de forma triangular; pescoço longo e fino;

patas longas e finas com extremidades bifurcadas; e cauda curta e geralmente levantada (figura 2).

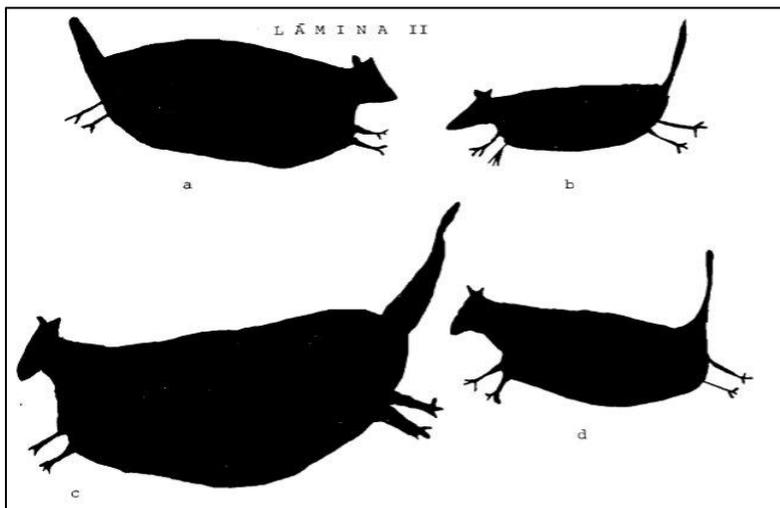
Figura 2: Cervídeos supostamente em movimento (alguns indivíduos com galhadas, indicando o gênero masculino).



Fonte: Monzon (1984, p. 72).

Os tatus podem ser identificados através das seguintes distinções morfológicas: cabeça pequena, geralmente em forma triangular, orelhas arredondadas, sensivelmente agudas, com o focinho pontudo; pescoço curto e grosso; corpo grande e pesado; patas curtas e finas com as extremidades bifurcadas ou com três ramificações; e cauda longa e esticada quase na vertical. Às vezes a cauda e as patas são representadas mais grossas (figura 3) (MONZON, 1984).

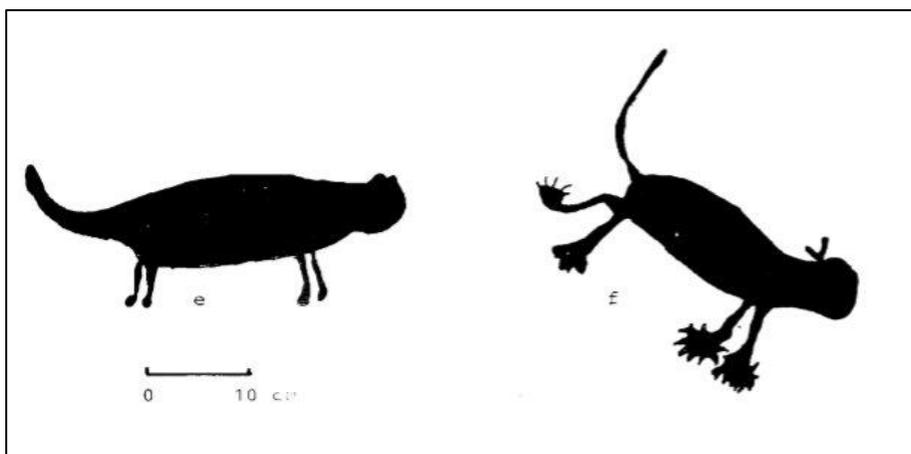
Figura 3: Representações de Tatus.



Fonte: Monzon (1984, p. 73).

Enquanto nas onças, as particularidades morfológicas destacadas são: cabeça redonda; orelhas pequenas e divergentes; pescoço curto e grosso; corpo geralmente fino, alongado e não muito espesso; patas com extremidades arredondadas (com ou sem garras); e cauda longa e esticada (figura 4).

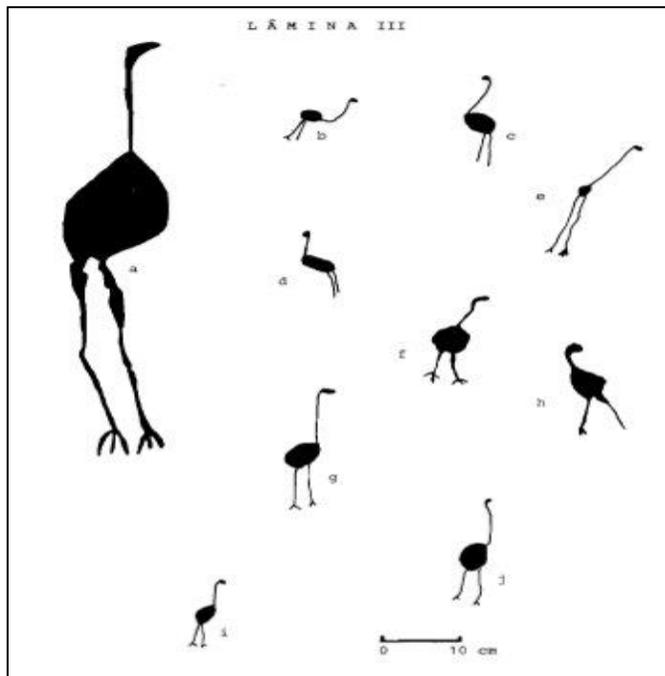
Figura 4: Representações de Onças (com algum grau de estilização).



Fonte: Monzon (1984, p. 73).

Entre as emas, ressaltamos a seguinte morfologia: cabeça pequena, podendo ser alongada; pescoço muito longo e fino; corpo geralmente com forma ovalada; duas patas finas, longas com as extremidades bifurcadas ou com três ramificações (figura 5).

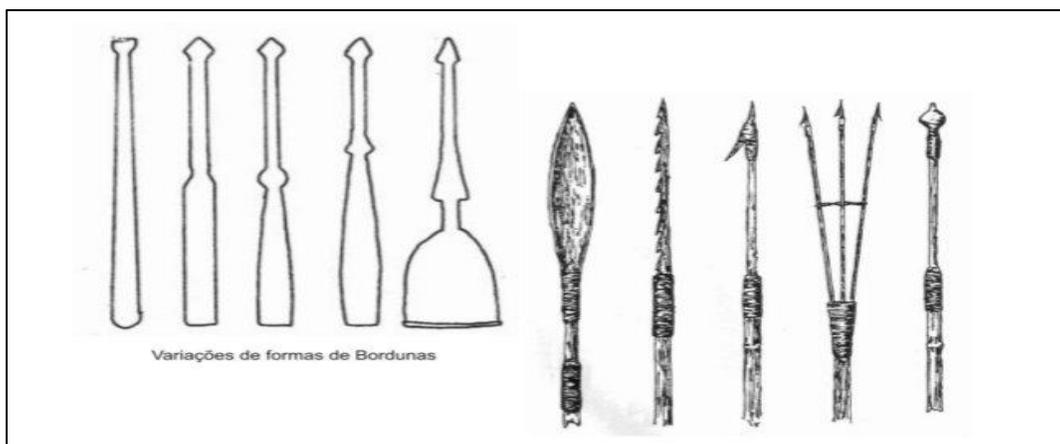
Figura 5: Representações de Emas.



Fonte: Monzon (1984, p. 74).

A partir das pesquisas etnográficas, foi observado que as armas são desenvolvidas para uso no combate (corpo a corpo) ou no arremesso, podendo ser perfurantes ou contundentes; usadas na guerra, caça, pesca e ritos. Observou-se ainda que a projeção das armas pode variar de morfologia, se tornando objetos de classificações tipológicas, servindo como diferenciador cultural. Podem-se mencionar algumas armas ainda utilizadas por populações indígenas encontradas atualmente: zarabatana, lança, azagaia, borduna, baladeiras, propulsor de dardos, funda, machado de guerra e flecha (MÉTRAUX, 1986, p. 143) (figura 6).

Figura 6: Representações de tipos de armas indígenas atualmente encontradas.



Fonte: Métraux (1986, p. 143).

Metodologia

Com a análise das cenas de caça e de suas características: temática e cenografia, propõe-se fazer uma sistematização da apresentação dessas cenas. Para tal, buscamos constatar os elementos reconhecíveis na representação da temática de caça (antropomorfos, zoomorfos e cultura material) buscando, ainda, identificar os elementos constituintes das cenas de caça, classificando e segregando as imagens.

Partindo da revisão bibliográfica, observação imagética dos sítios arqueológicos com grafismos rupestres do PNSC – salvaguardados na Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM. Após o levantamento das amostras de sítios, foram realizados os trabalhos de campo e dada a sequência das análises das cenas.

Para escolha das estações com cenas de caça, foi utilizado o critério da diversidade de grafismos. Assim, optamos por lidar com os seguintes sítios arqueológicos: Boqueirão da Pedra Furada, Sítio do Meio, Toca do Caldeirão do Rodrigues, Toda da Fumaça I, Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada.

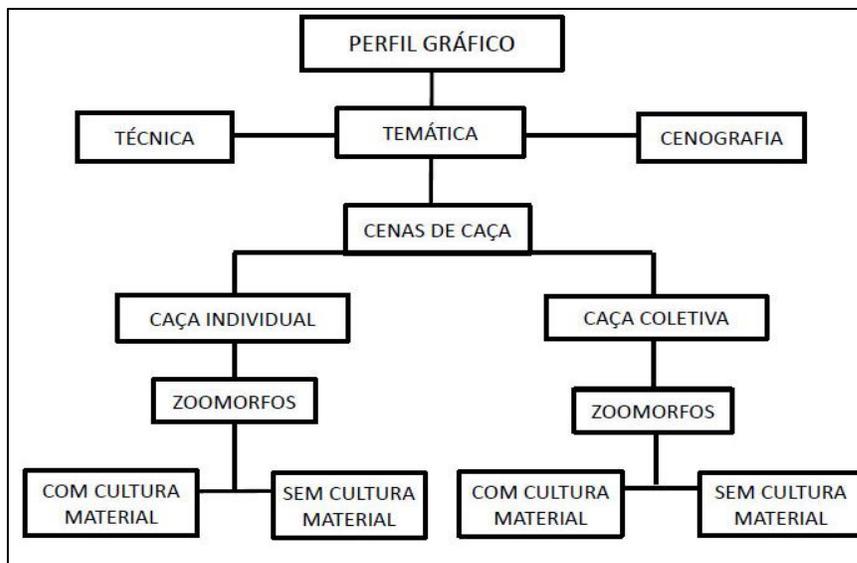
As fotografias em campo (nesses sítios arqueológicos e nos painéis gráficos escolhidos) seguiram as seguintes etapas: a. foto geral da inserção do sítio arqueológico no contexto ambiental; b. foto do painel rupestre escolhido; e c. foto da apresentação cenográfica de caça.

Foi elaborada uma ficha de dados contendo informações do sítio arqueológico, localização, unidade de relevo, topografia em relação a vertente, morfologia, tipo de rocha suporte, dimensão da área abrigada e os tipos de grafismos existentes nos painéis rupestres. As variáveis, utilizadas neste estudo, auxiliaram nas análises e nas escolhas das apresentações cenográficas. Essas escolhas, por determinados setores suporte rochoso em detrimento de outros, podem estar relacionadas à percepção do espaço e à condição de visibilidade dos grafismos.

Foi utilizado o método de microanálise das unidades gráficas segregadas (PESSIS, 1992), que contribuiu para a identificação de características dos grafismos. Dessa maneira, identificando as semelhanças nos padrões das cenas, seria possível chegar às características culturais semelhantes.

Para estabelecer classificações no registro rupestre é necessário considerar como fonte de informação e fornecimento de parâmetros, as três dimensões do fenômeno gráfico: técnica, temática e cenografia (PESSIS, 1992) A partir dessa proposta, criamos um modelo analítico adaptado para essa pesquisa (figura 7).

Figura 7: Modelo analítico de perfil gráfico utilizado na pesquisa adaptado pelos autores, 2019.



Dentro das três dimensões do Perfil Gráfico (técnica, temática e cenografia), foram utilizadas as dimensões da temática e da cenografia. As cenas de caça foram reconhecidas pelos atributos essenciais de identificação (antropomorfos e zoomorfos) presentes em cada cena. O intuito foi identificar os tipos e as preferências nas representações de antropomorfos, zoomorfos e da cultura material (artefatos de caça).

Para o reconhecimento e identificação dos detalhes da composição de cada cena, além da utilização das fotografias, foram empregados na etapa de análise de laboratório, ferramentas de software para o tratamento de imagem das cenas com pouca visibilidade. O tratamento de imagens é realizado com ferramentas de softwares para segregação dos elementos representativos, permitindo selecionar os pixels e identificar figura por figura que formam a composição da cena na mancha gráfica (VILLA VERDE, 2002).

A necessidade de identificar detalhes nas análises morfológicas e espacial dos grafismos, além da procura da eliminação de parte da subjetividade da cena (através da automatização dos procedimentos de captação de imagem), garante maior aproximação da realidade concreta do grafismo, no processo de distinção entre os pigmentos do suporte, deixando mais clara a visualização da imagem (MONTALVO, 2010).

As etapas de tratamento de imagem utilizadas tiveram como primeiro passo a identificação da cena dentro da mancha gráfica; em um segundo momento, o enquadramento a partir de imagens fotográficas, para visualizar os detalhes de cada cena; e, por fim, a segregação da imagem com programa e ferramentas digitais específicas.

Para a segregação de imagens realiza-se a distinção entre pigmento, suporte e possíveis sobreposições, utilizando o software *lightroom*. Para melhor analisar as cenas, foi utilizado o software *Inskcape* para a criação de nova camada, vetorização e preenchimento das pinturas. Com auxílio dessas ferramentas podemos analisar de forma mais particular cada cena. Através da dimensão temática e cenográfica, estabelecemos os elementos constituintes da cena, recorrência de animais na caça e elementos culturais como adornos e instrumentos de mãos.

Resultados

No conjunto de sítios arqueológicos selecionados para esse estudo, identificamos vinte cenas de caça conforme os objetivos e parâmetros metodológicos estabelecidos. A partir da análise preliminar de dez cenas de caça, foi possível dividi-las em dois grupos: as de caça individual e as cenas de caça coletiva.

Nas análises de cenas de caça individual, foram identificadas cenas nos sítios arqueológicos: Boqueirão da Pedra Furada; Sítio do Meio; Toca da Fumaça I e Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada (figuras 8, 9 e 10).

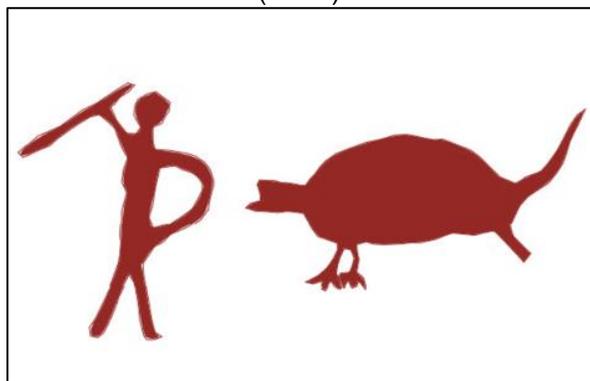
Nas análises das cenas de caça individual, identificamos a caça ao tatu.

Figura 8: Cena de caça individual do tatu, com cultura material. Sítio Toca Caldeirão dos Rodrigues.



Foto: Belarmino (2018).

Figura 9: Cena de caça individual do tatu, com cultura material vetorizada por Belarmino (2018).



Essa cena está localizada no sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I. Única cena de caça individual com cultura material. Podemos observar nessa cena, um antropomorfo com o

braço erguido segurando um instrumento de mão, e o zoomorfo (tatu) sem a cabeça e sem uma das patas. Reconhecemos o tatu nessa cena através da análise da sua morfológica que apresenta características pescoço curto, corpo grande e cauda longa.

Figura 10: Cena de caça individual: tatu. Sítio Boqueirão da Pedra Furada



Foto: Belarmino (2018).

Essa cena está localizada no sítio Boqueirão da Pedra Furada. Podemos observar nessa cena, um antropomorfo com os braços erguidos segurando a cauda do zoomorfo (tatu). A pintura é vermelha está razoavelmente conservada (figura 11).

Figura 11: Cena de caça individual: tatu. Sítio do Meio.

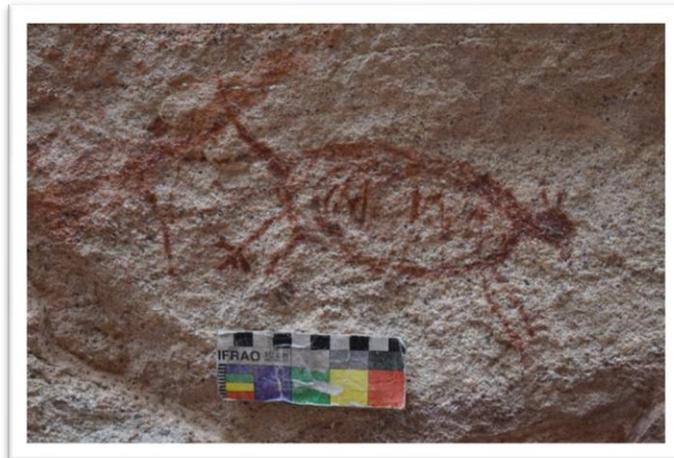


Foto: Belarmino (2018).

Essa cena está localizada no Sítio do Meio. Observamos nessa como na anterior, que o antropomorfo está com os braços erguidos segurando a cauda do zoomorfo (tatu). Reconhecemos o tatu pelo corpo grande, cauda longa e esticada quase na vertical. Pintura vermelha e conservada (figura 12).

Figura 12: Cena de caça individual: tatu. Sítio Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada.



Foto: Belarmino (2018).

A cena acima está localizada no Sítio Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada. Assim como nas cenas anteriores, o antropomorfo está com os braços erguidos segurando a cauda do zoomorfo (tatu). A pintura é vermelha está razoavelmente conservada (figura 13).

Figura 13: Cena de caça individual: tatu. Sítio Boqueirão da Pedra Furada.

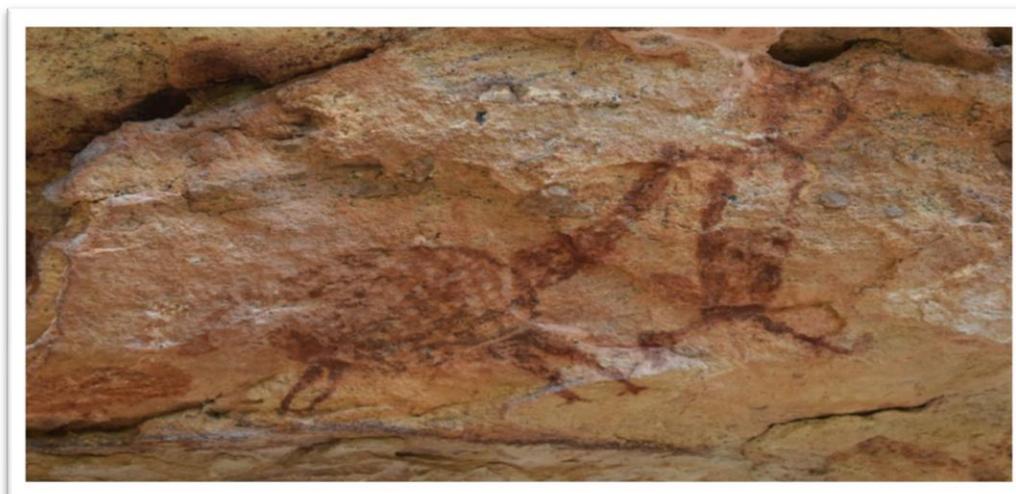


Foto: Belarmino (2018).

Essa cena está localizada no sítio Boqueirão da Pedra Furada. Observamos nessa cena, um antropomorfo com o braço direito erguido segurando a cauda do zoomorfo (tatu). Pintura vermelha e conservada.

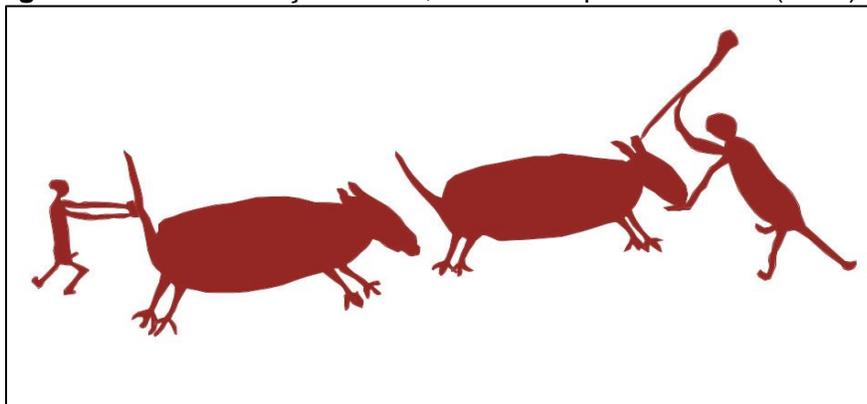
Já nas análises de cenas de caça coletiva, foi possível identificar cenas, nos sítios arqueológicos: Boqueirão da Pedra Furada; Sítio do Meio; Toca do Caldeirão I e Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada. Constatamos caça ao tatu, cervídeos e emas. Conforme seguem as análises (figuras 14 e 15).

Figura 14: Cena caça coletiva do tatu. Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.



Foto: Belarmino (2018).

Figura 15: Cena de caça coletiva, vetorizada por Belarmino (2018).



Essa cena representa uma de caça coletiva com a presença de cultura material durante a caça. Observamos que a pintura tem coloração vermelha e está conservada. Na cena, reconhecemos dois antropomorfos e dois zoomorfos (tatus). Nota-se que o antropomorfo do lado esquerdo está segurando a cauda do tatu com as duas mãos, enquanto o do lado direito segura a cabeça do tatu com a mão esquerda e um instrumento na mão direita erguida, como se fosse golpear o animal. É possível reconhecer os tatus graças à análise da sua morfologia com características como pescoço curto, corpo grande e cauda longa.

Nas cenas de caça coletiva, identificamos as ao cervídeo. Estão localizadas nos sítios: Toca do Boqueirão da Pedra Furada e na Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada.

Figura 16: Cena de caça coletiva: cervídeo. Toca do Boqueirão da Pedra Furada.

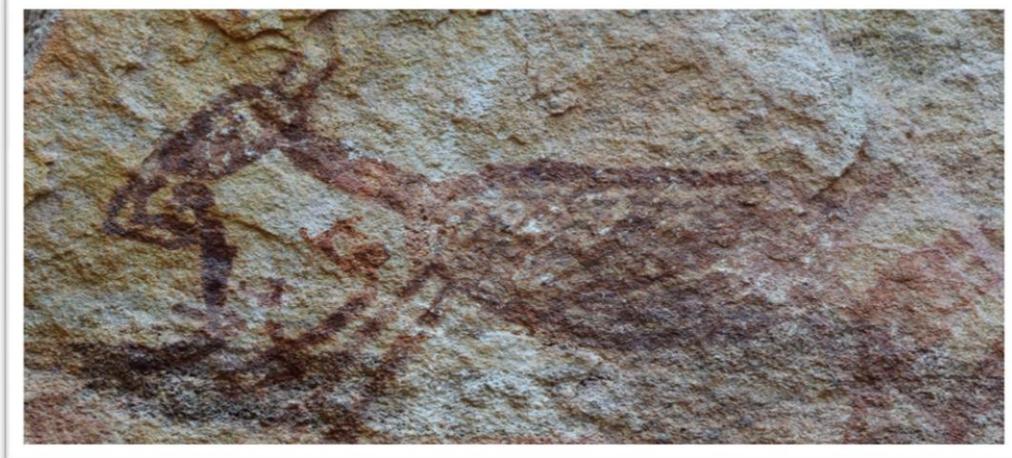


Foto: Belarmino (2018).

A figura 16 apresenta duas representações de antropomorfos e uma de zoomorfo, que é o cervídeo. Um dos antropomorfos ergue as mãos em direção à cabeça do cervídeo, enquanto o outro parece estar querendo segurar no pescoço do animal. Reconhece-se o cervídeo, por meio de sua morfologia, com as seguintes características: pescoço longo, cauda curta e patas finas bifurcadas. A pintura é avermelhada e está conservada.

Figura 17: Cena de caça coletiva: cervídeo. Sítio Boqueirão da Pedra Furada.

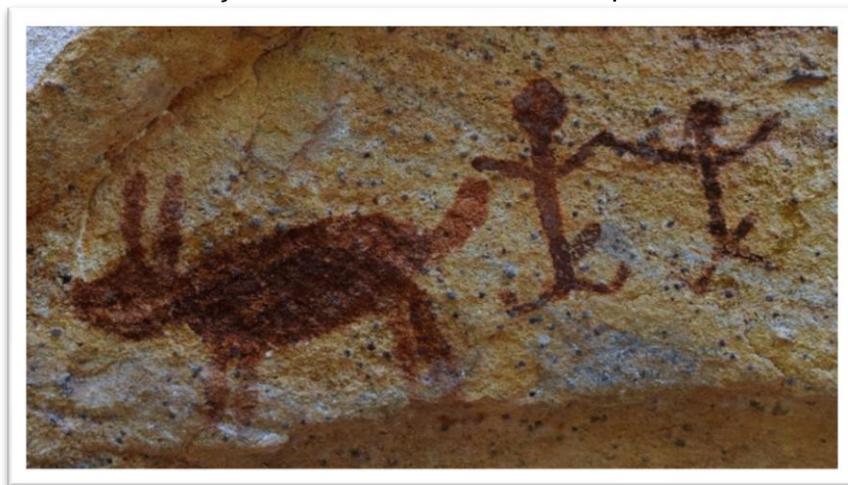


Foto: Belarmino (2018).

Na imagem acima (figura 17), observamos dois antropomorfos e um zoomorfo (cervídeo). Um dos antropomorfos ergue as mãos em direção à cauda do cervídeo, enquanto o outro parece estar segurando a mão do outro antropomorfo. Atribuímos a cena como caça coletiva pela proximidade em que as figuras reconhecíveis se apresentam. A pintura tem a coloração vermelha e está conservada.

Figura 18: Cena de caça coletiva ao cervídeo. Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada.



Foto: Belarmino (2018).

Observamos na figura 18, acima, dois antropomorfos e um zoomorfo, que, dessa vez, é o cervídeo. Atribuímos a cena como caça coletiva pela proximidade em que as figuras reconhecíveis se apresentam. A cena apresenta sobreposição, o que dificulta a análise. A pintura apresenta coloração vermelha e está conservada.

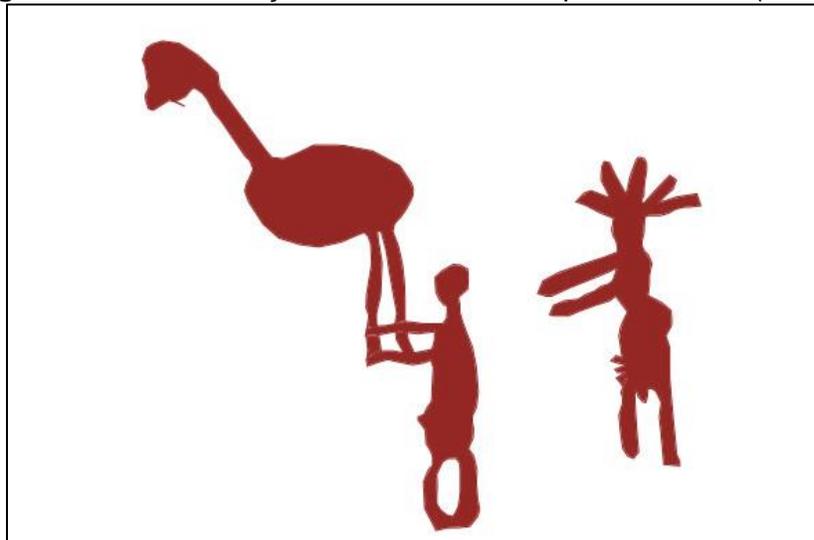
Nas análises das cenas de caça coletiva, encontramos as da busca da ema. Estão localizadas nos sítios: Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Toca de Cima do Fundo Boqueirão da Pedra Furada, Sítio do Meio e Toca do Serrinha I. (figuras 19 e 20)

Figura 19: Cena caça coletiva: ema. Sítio Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada.



Foto: Belarmino (2018).

Figura 20: Cena de caça coletiva, vetorizada por Belarmino (2018).



Essa cena apresenta cultura material. A pintura tem coloração vermelha e está conservada. Distinguimos dois antropomorfos e um zoomorfo, que é a ema. Observa-se que o antropomorfo do lado esquerdo segura as patas da ema, enquanto o do outro lado está com as mãos erguidas e com possível adorno na sua cabeça. As demais figuras que aparecem na foto,

não fazem parte dessa cena que classificamos como caça coletiva. Ressalve-se que o tatu tem a coloração diferente da ema, o que indica que foram feitas em períodos diferentes.

Na próxima cena, nota-se um conjunto de antropomorfos (GUIDON, 2007) que demonstram uma cena de caça coletiva, onde os grupos humanos se organizavam coletivamente, provavelmente, para buscar alimentos para seu sustento (figuras 21).

Figura 21: Cena de caça coletiva. Toca da Serrinha I



Foto: Gabriel Oliveira (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os achados arqueológicos de mais de 40 anos de pesquisa da Missão Franco-Brasileira coordenados por Niède Guidon, os grupos humanos pré-históricos do Parque Nacional Serra da Capivara habitaram a região no período compreendido entre dois e 30 mil anos atrás (OLIVEIRA, 2014; GUIDON, 2014; PARENTI, 2014). A geomorfologia local contribuiu para a acomodação desses grupos nos mais variados abrigos sob-rocha. A grande concentração de pinturas rupestres registradas por eles são fontes arqueológicas que

contribuem para testemunhar, peremptoriamente, sua presença nessa região. A grande variedade de animais expressos nas pinturas rupestres do PNSC nos fornece também, uma ideia da riqueza da fauna existente na época.

Os aspectos mais fascinantes da história são como marcos culturais, tais como as pinturas rupestres, interligavam-se com as atividades mais básicas de subsistência, como a obtenção de alimentos (LEAKEY, 1981).

No estudo do registro rupestre, é complexo definir uma possível autoria para as pinturas. Essa análise se dá correlacionando as pinturas com outros elementos da cultura material e cronologias associativas, o que nem sempre são conclusivas. No entanto, as verificações quantitativas realizadas nessa pesquisa, revelam que as recorrências nas cenas de caça e os padrões gráficos de apresentação podem caracterizar as escolhas de especificidades que sugerem o pertencimento a uma determinada autoria cultural.

Dada a pequena extensão no recorte dos sítios usados nessa pesquisa, as proposições não pretendem ser convincentes. Sugere ampliar a unidade de pesquisa a circuitos vizinhos em função da grande diversidade de cenas de caça, analisando os grafismos reconhecíveis para realizar comparações entre unidades temáticas e observar os padrões de semelhanças e diferenças nas recorrências.

As particularidades das representações das cenas de caça são fontes arqueológicas bem como antropológicas. Os resultados dessa pesquisa podem contribuir para realização de novas hipóteses sobre os grupos humanos dessa região, podendo ampliar o estudo de outros vestígios arqueológicos.

As interpretações realizadas na arte rupestre do Paleolítico superior localizadas no continente europeu e reconhecidas por sua antiguidade levantaram várias hipóteses. Uma é a da “Magia de caça”, baseado em análises de Campbell (1992). Para ele os povos do Paleolítico Superior eram caçadores-coletores, e reproduziam pinturas nas quais poucas espécies eram mais representadas em comparação ao ambiente que prevalecia.

Onde ele argumenta que os animais que eram representados nas cavernas, não estavam incluídos na dieta dos pintores, como indicavam os ossos encontrados em sítios de habitação. Posteriormente, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss observou que “certos animais são representados, não porque são “bons para comer”, mas porque são “bons para pensar” (LEWIS; LEAKEY, 1999, p. 476).

Os animais, não humanos, mais representados nos grafismos rupestres do conjunto da pesquisa com representações de cenas de caça, pela ordem de predominância, foram os tatus, cervídeos, felinos e emas. Mas temos clareza de que, outras análises, de recorrências temáticas, especificamente, sobre animais não humanos, podem ser adiantadas com as reproduções gráficas registradas nas rochas do parque piauiense.

Diante dessa constatação, podemos questionar por que a caça individual ao tatu foi a mais recorrente nesse circuito do PNSC? Será que o tatu era o animal interessante para se caçar? Ou seria o animal mais interessante para se pensar entre esses grupos humanos?

A temática como elemento de estudo, recuperou em congruências e tem um peso muito importante por constituir marcadores. Eles nos permitem informar interesses dos grupos humanos pré-históricos. Tudo isso é evidentemente importante para a história, mas, não podemos refazer-lá. É possível ter uma ideia do que era importante para os grupos humanos dessa região, mas, não temos o significado, só o signo.

Considerando a arte rupestre como produto de mentes, a importância dessa pesquisa é destacar as preferências dos grupos humanos em pintar e talvez em caçar determinado animal, possibilitando reconstruir o ambiente ou a mente pré-histórica.

Referências

ALMEIDA, V. J. R.; RAMPANELI, A. M.; ETCHEBEHERE, M. L. de C. **Ambientes pré-históricos: uma interpretação das pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara.** São Paulo: Prismas, 2017.

BELARMINO, Vanessa da Silva. **Caçadores da Pré-História: recorrências temáticas nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI.** São Paulo/Manaus, Alexa Cultural/EDUA, 2019.

BINFORD, L. **Em Busca do Passado: a descodificação do registro arqueológico.** Tradução: João Zilhão. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1983.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus. Mitologia primitiva.** Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.

CASTRO, Luzia Bastos de. **Cenas de caça na subtradição Várzea Grande**: Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Curso de Arqueologia. Campus Serra da Capivara. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, 2009.

CHILDE, V. Gordon. **O que aconteceu na história?** Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUIDON, Niède. **Parque Nacional Serra da Capivara**: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasil, nº 33, 2007, p.74-94.

GUIDON, Niède. Tradições Rupestres na Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **CLIO – Série Arqueológica**, Recife, n. 5, 1989, p. 5-10.

GUIDON, Niède. O Pleistoceno Superior e Holoceno Antigo no Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno: as ocupações humanas. In: **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014 B, vol. II-B, p.444-452.

JUSTAMAND, Michel. **O Brasil desconhecido**: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

LEAKEY, Richard. **A evolução da humanidade**. Trad. Norma Telles. Brasília: UnB, 1981.

LEWIS, R.; LEAKEY, R. **Evolução humana**. Trad. Danusa Munford. São Paulo: Atheneu, 1999.

MAGALHÃES, Sônia Maria Campelo. **A arte rupestre do centro-norte do Piauí**: indícios de narrativas icônicas. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense – UFF. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2011.

MARTIN, G. 2013. Pré História do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
MÉTRAUX, Alfred. Armas. In: RIBEIRO, Berta G. **Suma Etnológica brasileira**. Tecnologia Indígena. Vol. 2. Petrópolis; Vozes, 1986, pp. 139-161.

MONZON, Suzana. Análise dos traços de identificação – estudo de um caso: a Toca da Entrada do Baixão da Vaca. **Revista Clio – Arqueológica**, n. 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1984.

MONTALVO, L. A. **Técnico – Tipologia Lítico do Holoceno Inicial (9.450 – 8.100 anos bp) do setor 2 do Sítio do meio – Parque Nacional Serra da Capivara – PI.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Arqueologia). – Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, São Raimundo Nonato, 2010.

OLIVEIRA, Gabriel Frechiani. **As pinturas rupestres dos Sítios arqueológicos Toca do Martiliano, Toca da Boca do Sapo e Toca da Invenção no Parque Nacional Serra da Capivara - PI:** um estudo de caso. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

PARENTI, Fábio. Arqueologia da Pedra Furada. In. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara.** São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol. B, p.526 – 544.

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré- históricos do nordeste do Brasil. **CLIO. Série arqueológica.** Recife v. 1 n. 835- 68, 1992.

PESSIS, A. M. **Imagens da pré-história:** Parque Nacional Serra da Capivara. São Raimundo Nonato - PI: FUNDHAM/PETROBRAS, 2003.

RIBEIRO, B. A linguagem simbólica da cultura material. **SUMA Etnológica Brasileira, V.3 Arte Índia** (Coord. B. Ribeiro). Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, A. C. **As representações zoomórficas na Subtradição Seridó.** Dissertação de mestrado. Universidade de Pernambuco, Recife, 2013.

VILLAVERDE, V. **La cova dels cavales en el barranc de la valltorta.** *Monografia Del Instituto de arte. Museu de la valtona, 2002.*